

## A curva de custo da proteção às blusinhas

MARCOS CINTRA

A discussão em torno da “taxa das blusinhas” expõe um dilema estrutural da política econômica brasileira: a incapacidade de tratar proteção industrial como instrumento transitório de desenvolvimento e a tendência de convertê-la em mecanismo permanente de transferência de renda. A oscilação recente — criar a taxa, reverter a taxa, admitir a possibilidade de restaurá-la — revela que o debate não está ancorado em estratégia industrial consistente, mas em cálculo político de curto prazo. Esse é o ponto fundamental para compreender por que o país repete ciclos de proteção que não geram produtividade e, ao final, penalizam indefinidamente o consumidor.

A proteção só é justificável quando funciona como investimento. O consumidor arca com um custo inicial para que a indústria tenha tempo de consolidar escala, tecnologia e aprendizado. A lógica econômica clássica exige que esse custo caia ao longo do tempo, à medida que a produtividade aumenta. O teste definitivo é simples: setores que recebem proteção devem, após alguns anos — cinco é um horizonte razoável — tornar-se capazes de competir fora do mercado doméstico. Exportar não é um capricho; é o indicador objetivo de eficiência global. Se a indústria protegida não consegue isso, não internalizou o ganho de produtividade que justificaria a proteção. A experiência brasileira raramente segue essa trajetória. A proteção nasce sem condicionantes, não fixa metas, não estabelece cronograma obrigatório de revisão e não vincula sua continuidade a indicadores

mensuráveis de desempenho.

Quando o prazo implícito se esgota, o setor alega insuficiências estruturais e demanda prorrogação. O Estado concede. A indústria se acomoda. O consumidor continua pagando mais. E o ciclo se perpetua. A proteção, que deveria ser transição, transforma-se em arranjo permanente — exatamente o contrário do que ocorre em países que usaram o protecionismo como ferramenta de desenvolvimento, e não como mecanismo de acomodação política.

O episódio da taxa das blusinhas reforça essa dinâmica. O governo onerou, depois desonerou e agora admite a possibilidade de reonerar novamente. Não houve mudança de estratégia industrial; houve recalibragem da conveniência política. Inicialmente, a oneração buscou sinalizar apoio à indústria e aos empregos associados a ela, ainda que tudo indique ter sido uma desesperada tentativa de aumento de arrecadação. Quando a reação popular se mostrou intensa, principalmente entre consumidores de baixa renda sensíveis ao preço, o governo recuou. Agora, ao cogitar reinstalar a cobrança, reconhece que o benefício político da isenção pode não compensar o custo de enfrentar setores organizados do varejo e da indústria que pressionam pela volta da taxação. O eixo da decisão não é econômico; é eleitoral.

O problema é que esse movimento destrói a racionalidade da política industrial. Sem horizonte claro, sem metas e sem previsibilidade, nenhum dos atores — consumidores, produtores, investidores — sabe qual será o custo efetivo da política daqui a seis meses. Isso inviabiliza planejamento e insere

incerteza regulatória em um setor já marcado por disputas intensas. As idas e vindas produzem ruído e impedem que a proteção, quando necessária, seja estruturada como etapa de transição.

O país precisa decidir qual é o objetivo da proteção. Se é fomentar competitividade, o caminho é proteção temporária com exigências explícitas: aumento de produtividade, redução de custos e capacidade exportadora em prazo definido. Se não entregar, a proteção deve ser retirada. Se, ao contrário, o objetivo é administrar conflitos distributivos e responder às pressões de grupos organizados, então é preciso admitir que a escolha política consiste em penalizar o consumidor para preservar estruturas produtivas pouco eficientes. Mas isso deve ser dito com transparência — e não mascarado como estratégia de desenvolvimento.

A curva de custo da proteção deveria ser descendente; no Brasil, torna-se plana. E quando a proteção perde sua característica transitória, o país perde a chance de transformar consumo imediato em capacidade produtiva futura.

A discussão sobre as blusinhas é apenas um sintoma de algo mais profundo: um Estado que protege, mas não cobra resultados; que tributa, mas não planeja; que reage ao ruído político, mas não constrói trajetória de competitividade. O custo disso, ao final, sempre recai sobre quem não tem lobby: o consumidor.

● **O autor** é doutor em Economia por Harvard, é atualmente professor titular da Fundação Getúlio Vargas e conselheiro do Instituto Atlântico

## E eles não vieram!

A vidente teria sonhado com isso, em um sonho premonitório, com direito à nave-mãe e alguns jogadores escolhidos a dedo para irem para outro planeta. Fato é que essa história, no mínimo engraçada, viralizou, ganhando destaque, sobretudo virando piada. O brasileiro, um sofredor, é também um piadista nato e uma chance dessas não poderia passar batido.

Quero crer que pouquíssimas pessoas tenham de fato acreditado nessa história, mas diante da expectativa de um jogo fraco, valia a pena assistir, diante da chance de um acontecimento inusitado.

Qual a razão para os Ets escolherem o jogo do Brasil foi a primeira coisa que me ocorreu. Será que tinha algum fã do futebol brasileiro, alguém que teria vindo aqui na época de ouro da seleção e, retornando agora, achou por bem levar o Neymar embora?

Diante das anunciadas vagas para a plateia, teve muita gente dizendo que se a tal nave aparecesse, iria se voluntariar. Se eu estivesse lá, porém, ia depender muito da aparência e da abordagem dos alienígenas.

Caso levantassem o dedo indicador para o céu e arriscassem um “telefone, minha casa”, talvez eu considerasse a possibilidade, mas depois

de assistir a outros filmes, eu teria certo receio de ser servida como petisco ou de ter um alien crescendo na minha barriga.

Pelo sim e pelo não, a gente ficou de olho, mas, no fim das contas, os aliens não apareceram.

Ou, de repente, até foram, discretamente, mas desistiram do intento, porque, no fim das contas, o jogo foi bom — ainda que, neste caso, pudesse ter levado o juiz com eles. A vidente, porém, voltou à mídia e disse que não errou, pois teria acertado outras previsões feitas no mesmo dia, como a ocorrência de terremotos.

Inegável, porém, que a estratégia de marketing foi excelente. Provavelmente, até em outros planetas já se ouviu falar disso. Quem sabe, para não chatear os brasileiros, eles venham no próximo jogo? Se eu estivesse por lá, iria fantasiada de ET, só por garantia.

Em ano eleitoral, se os alienígenas resolverem dar as caras, se anunciarem abdução em massa, terão que enviar outras naves para dar conta do carroto. Só acho.

● **A autora** é jornalista, advogada, professora universitária e não vai de carona na nave porque tem labirintite — cinthyanvs@gmail.com/www.escriturices.com.br

## GRATIDÃO QUE CURA: UM AGRADECIMENTO À EQUIPE DO HOSPITAL ESTADUAL DE BAURU, ONDE EXCELÊNCIA E AMOR CAMINHAM LADO A LADO!

Em nossa vida, há momentos em que nos damos conta do verdadeiro valor do cuidado humano. Em uma situação de fragilidade, quando a saúde exige atenção e confiança, encontramos pessoas que transformam a técnica em acolhimento, a profissão em missão e o trabalho em um verdadeiro gesto de amor ao próximo. É exatamente essa experiência que vivo deste 23/08/2022 em meu tratamento de Aplasia de medula.

Quero registrar minha mais sincera gratidão a todos os profissionais que participaram do meu atendimento. Diretoria, médicos em particular a equipe da Hematologia e o time da Agência Transfusional, enfermeiros, técnicos de enfermagem, fisioterapeutas, equipe administrativa, colaboradores da limpeza, alimentação, segurança e todos aqueles que, muitas vezes de forma silenciosa, contribuem para que o hospital funcione com excelência.

Sou acolhido com respeito, atenção e dignidade e sigo em acompanhamento ambulatorial no tratamento de Aplasia de Medula. Em cada atendimento percebi profissionalismo, competência, dedicação e, acima de tudo, humanidade. Em um ambiente onde diariamente são enfrentados grandes desafios, encontrei uma equipe comprometida em aliviar o sofrimento e devolver esperança às pessoas.

O brilhante trabalho realizado por todos demonstra que a saúde pública pode oferecer um atendimento de alta qualidade quando é conduzida por profissionais preparados, éticos e comprometidos com a vida, o que faz da FAMESP (Fundação para o Desenvolvimento Médico e Hospitalar) em seus 45 anos um modelo de Gestão focado na construção e na manutenção da máxima Excelência.

Meu agradecimento não é apenas pelo tratamento recebido, mas também pela sensibilidade, pelas palavras de conforto, pelo sorriso acolhedor e pelo cuidado dedicado em cada etapa do atendimento. Pequenos gestos que fazem enorme diferença para quem enfrenta momentos delicados.

Que Deus continue abençoando cada integrante dessa extraordinária equipe, concedendo-lhes saúde, sabedoria, força e perseverança para continuarem exercendo essa nobre missão de cuidar das pessoas.

Recebam minha profunda admiração, respeito e reconhecimento. Muito obrigado por fazerem a diferença na vida de tantos pacientes e familiares. Vocês são exemplos de dedicação ao próximo e merecem todo o nosso reconhecimento. Minha eterna gratidão à equipe do Hospital Estadual de Bauru.

● **Reinaldo Munhoz**

CINTHYA NUNES

Admito que fiquei um pouco frustrada. Embora o jogo tenha sido emocionante, com gols de Vini Júnior, com Neymar passeando pelo campo, com juiz larapiando gol do Brasil, a grande e esperada atração, prometida e anunciada por uma vidente brasileira, não aconteceu: os alienígenas não apareceram!

Para situar aqueles que não sabem do que se trata, nesta semana uma vidente brasileira, uma tal de Vó Bahiana, que é catarinense, e que se intitula terapeuta holística e sensitiva, fez uma previsão ousada: aconteceria uma abdução em massa durante um jogo da seleção brasileira.

Admito que não me inteiarei exatamente, mas parece que os aliens levariam todos os jogadores brasileiros ou parte deles, bem como cerca de 700 pessoas da plateia.

Eu nunca tinha ouvido falar dessa senhora, mas pelo que descobri depois, muita gente sim. A mulher tem mais de vinte e quatro milhões de seguidores em uma rede social, segundo uma matéria que li na internet.

A ser verdadeiro esse número, talvez até alienígenas a sigam e, intimidadados com a revelação de seu plano de invasão, tenham desistido da coisa toda.